

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLÉRICAL E DE COMBATE

AGORA NOS!

As ruas do triangulo central foram no domingo invadidas por todo o elemento clerical de S. Paulo. Coincidindo com a estada de Clemenceau nesta capital, estiveram aqui reunidos todos os dominantes da Igreja no Brasil.

Quizeram por isso passar em revista as suas forças. E organizaram a passeata realizada.

Que foi ella? qual a sua importância?

Os cléricos devem estar satisfeitos, pois conseguiram tudo quanto podiam conseguir.

Trouxeram para a rua o seu exercito em peso.

Para isso não lhes faltou o apoio das autoridades. Por toda a cidade viam-se os boletins e manifestos que annunciavam o comicio, sem que um só delles tenha sido rasgado pelas policias, como sempre acontece quando o elemento liberal convoca uma reunião. O transito foi completamente interrompido na rua não se viam aqui-las apparatus demonstrações das torças policias dos dias das nossas reuniões e, como homenagem á lei que separa a Igreja do Estado, abriu o cortejo a banda da Policia!

O seu grande cortejo de milhares e crianças, cercado por uma multidão de curiosos, apreciadores de tudo quanto é apparatus, pode assim desfilar pela cidade na melhor paz.

Isto é, não foi bem assim; alguém desmanchou a festa.

A' nossa porta, que está bem em frente á da igreja da Sé, collocamos, abertos como estandartes de combate, alguns numerados da *Lanterna*, de *L'Asino*, e de *El Motin*, que escandalizavam os olhos dos seraficos manifestantes ali agrupados, chegando alguns, mais timorosos, ao extremo de tragar o signal da cruz, muito efficaz para evitar o mal olhado e as tentações.

Naquella hora, alguns corajosos que, como de costume, frequentam a nossa sala de leitura, sem previa combinação, movidos pelo mesmo sentimento de revolta ante aquella ostentação de fanatismo, onde as mulheres e as crianças constituíam a maioria, foram á passagem do cortejo dizer aos tonsurados, desde o eminente Arco ao mais réis papador do hostias, em brados bem altos, a repulsa que lhes provocava a farsa ignobil.

E as vivas á memoria do Ferrer, de Giordano Bruno, outros vivas surdavam, de entre os curiosos que estacionavam no triangulo, alcançando o livre pensamento, a razão victoriosa e os seus batalhões.

Foi a prova cabal de que ha em S. Paulo muitos e muitos libertos ao jugo clerical.

E o azedume dos reverendos pãncudos nem sequer foi desfeito pelo discurso do dr. Carvalho, o famoso catavento de Avaré.

Agora nós, a 13 de outubro, a data que lembra o assassinato do Ferrer, crime commettido a instancias do clero que até falsas testemunhas forneceu, precisamos demonstrar que tambem somos fortes e não deixamos de aceitar os desafios nem abandonamos a arena de combate.

E preciso que os nossos leitores, sem excepção de um só, os que sympathizam com a nossa campanha, todos, enfim, que pensam e reflectem, não deixem de comparecer nesse dia afim de commemorarmos, dignamente, a memoria de Francisco Ferrer, ainda hoje vile-

pendida e escarnecida pelos seus infames algotes.

Que os olhos dos tonsurados, atônitos e apavorados, contemplem um enorme cortejo de homens livres e meditem na imminência de sua queda, em seu irremediavel aniquilamento ante a ideia que marcha triumphalmente.

Seja o nosso appello correspondido é o que desejamos. Estamos certos de que nem um só dos que têm intelligencia e não sofrem a nefasta influencia da sacristia, deixará de tomar parte no grandioso comicio.

A 13 de outubro faz um anno que Ferrer foi assassinado.

Recordemos nesse dia o grande educador e, ao mesmo tempo, mostremos ao clericalismo que preten- de acambarar esta cidade que, aqui, contam-se por milhares os seus adversos, os que estão prontos a golpear de morte, com as armas do pensamento, a negra instituição aligerada no sangue dos justos que se chama — clericalismo:

Em Campinas

Conforme annunciámos, realizase-á nesta cidade uma festa com o seguinte programma:

1.ª Parte — Discursus proterido pelo dr. Basilio de Magalhães, lente cathedratice do Gymnasio de Campinas, versando sobre Francisco Ferrer.

2.ª Parte — Drama em 2 actos intitulado *Amor de Mãe*, pelo Grupo Dramatico Hespanhol.

3.ª Parte — Comedia em 1 acto intitulada *A casa de campo*, e o joguete comico *Parada e hotel*.

Finalizará o festival uma apoteose a Francisco Ferrer, falando nessa occasião o dr. Mendes Vieira, lente cathedratice do Gymnasio de Campinas.

No Rio

No theatro da Federação Operaria realizar-se-á um espectáculo dedicado á Escola Moderna, no sabado, 15 de outubro, ás 8 e meia horas da noite, com o programma seguinte:

1.ª Parte — O *Mestre* — drama em um acto de N. Rousset, representado pelo Grupo Francisco Ferrer.

2.ª Parte — Conferencia pelo dr. Mauricio de Meleiros sob o thema: "Que é Escola Moderna?"

3.ª Parte — O *Pecado de Simão* — comedia em um acto de Neco Vasco, representado pelo mesmo grupo.

4.ª Parte — Baile familiar e ker- nesse em favor da Escola Moderna.

Em Santos

A Federação Operaria, de commun accordo com os Centros Republicanos Portuguez e Hespanhol, realizará no dia 13 um comicio, que promette ser imponentissimo.

Antes do comicio, na sede da Federação haverá conferencias e discursos allusivos á data.

Importante proposta

O nosso amigo Francisco de Paula escreve-nos sobre uma importante proposta.

Diz que, passando agora o anniversario do assassinato do Ferrer, é occasião para se demonstrar praticamente que somos admiradores de sua obra e pela qual elle morreu.

Dirige, pois, o nosso companheiro um caloroso appello a todos os homens animados de bons sentimentos, a todos os que sinceramente desejam ver em S. Paulo implantada a Escola Moderna, PARA QUE CONCEDAM O PRODUCTO DO



— O PADRE — Muito cuidado, seu «derrubador» do ministerios. Nesta republica mandamos nós...

TRABALHO DO DIA 13 EM BENEFICIO DA ESCOLA MODERNA.

E' uma proposta importantissima que merece todo apoio. O amigo Francisco de Paula faz notar que será a prova pratica que darão todos aquellos que se têm demonstrado entusiastas dessa grande instituição.

Provas e não palavras.

O thezoureiro do Comité da Escola Moderna é encontrado todos os dias á avenida Celso Garcia, 24, e espera esse donativo de todos.

A' obra, pois.

A revolução em Portugal

Revolução, revolução! Sim, revolução destruidora de tyrannias e portadora das liberdades!

Lá, naquella bello recanto da península Iberica, no alegre paiz do fado, o povo troca neste momento a enxada pela carabina, o martelo pela dynamite, levanta barricadas e destróia o rubro pendão da revolta, lutando como valentes para derroçar a carcassa corroida e podre de uma instituição archaica.

O mesmo povo que tantas vezes tem feito recuar a tyrannia, escarrega agora, num gesto grandioso, os restos escalfados de uma dynastia caricata e apodrecida.

Nós, que nos nossos grandes sonhos de liberdades, avançamos até um regimen tão grandioso que os estreitos limites da actualidade não o podem comportar, nos sentimos transportados até ao paroxismo do enthusiasmo quando vemos o povo paciente e sempre soffredor irromper assim, como o leão enraivecido, contra os ladrões de seus direitos.

Quanta emoção vai por esse mundo alóra! Não ha ninguem cujos sentimentos ainda não estejam embolados pela chateza situacionista, que não se sinta preso pelo desmoronar dos acontecimentos de Portugal.

O povo portuguez bate-se e morre pela liberdade e isto enche-nos de ancias, de duvidas pelo exito de sua causa. E mais a nossa anxiedade avoluma-se diante do atropelo das noticias.

De que lado estará a victoria? Terá vencido a causa da justiça ou ainda ganhará a violencia organizada?

Pelas ultimas noticias ha quasi a certeza de terem sido vencedores o povo e as forças com elle soli-

darias. A Republica parece já ser um facto em Portugal, derrocando para sempre o dominio dos Bragancas.

Será, sob todos os pontos de vista, mais uma valiosa etape na marcha incessante do progresso.

A republica em Portugal foi preparada e conquistada abnegadamente com o sangue do povo, preparada por homens de ciencia, por artistas, por sonhadores e em uma época em que as aspirações sociaes marcham para novas formas politico economicas mais avançadas.

E, o que é mais importante, foi instituida pela revolução popular. E a clericalinha, a Igreja? Será essa canalha, esse Himalaya de infamias e corrupções o alvo principal do ariete demolidor dos vendedores.

A Republica Portuguesa não consentirá, por certo, que os seus maiores inimigos, os que, na sombra dos conventos e das igrejas urdiam os seus planos criminosos contra os seus lutadores, continuem a vegetar, impunemente.

O padre era o maior inimigo dos republicanos portuguezes. Chegou, portanto, o seu momento.

Os que derramam ainda agora o seu sangue pela Republica não farão, custamos certos, como estes caricatos republicanos do Brasil.

Isso não acontecerá, não. A transformação politica em Portugal não foi feita como nesta maldadada terra de Vera Cruz, por um golpe do prestidigitador. Lá houve o baptismo do sangue. E o sangue do povo não se derrama inutilmente.

Terminamos aqui, enfiando aos bracos, aos abnegados que, numa luta heroica, a esta hora offerecem as suas vidas á causa da liberdade, os nossos applausos, as nossas esperanças.

O CANCRO SOCIAL

A Moral Religiosa

II

Sem receiar as caldeiras de Pedro Botelho, essas seculares caldeiras com que a igreja-papal sempre amegou (e ameaça ainda!) o espiritos fracos e supersticiosos, que são hoje, inegavelmente, o seu maior e mais forte sustentáculo, e muito menos ainda sem recear o castigo desse Super-homem que ninguem conhece e que jámais ou viu ou ouviu, mas que a igreja, como unica medida de salvação, tenta absurdamente mostra-lhe ao mundo — que triste irritão! — como sendo o Bom dos bons, o Justo dos justos, e até desgraçadamente como sendo o Humano

dos humanos, — sem nada receiar, dizia, escrevemos no artigo anterior que, se a moral da Igreja Catholica, Apostolica Romana era em tudo e em todos os seus negros e mysteriosos principios uma moral putrida e nefasta e, portanto, declaradamente inimiga do progresso e dos mais nobres sentimentos da humanidade, Deus, por sua vez, não era menos — em nada, absolutamente.

E não exageramos nem falseamos a verdade dizendo-o e sustentando-o. Não, porque, especialmente hoje poucos são já os que ignoram que esse Deus que a Igreja Romana encarna e nos aponta nos livros sagrados — nesses monstros onde só se ensina a ter odio e se impõe a amar-se a Deus legando-lhe os bens —, não é um Deus bom e humano e superior a todos os homes, como ella canalhamente affirmava sem provas que esclareçam e sem aquellos dados visiveis e concludentes que se exigia. Só por evasivas, hypocritas e estupidas. Com dados palpaveis e elucidativos — nunca.

E porque?

Porque esse Deus é — para o negar? — e sempre foi, um Deus inteiramente pessoal: é o principio do Vaticano — esse monstro mulefco, pertinhardor consiente da humanidade inteira. Sim, é elle, só elle. Ninguem conhece outro. Não existe outro.

E ali, pois, entre aquellas quatro paredes, onde se têm planejado e commettido os mais horroresos crimes e as mais abominaveis monstruosidades, que vive, rodeado de aduladores e patifes, monstros como elle, esse *evista* so... Deus da Igreja Catholica, Apostolica, Romana — o Papa.

Hontem foi Gregorio IX, o piedoso, protector nato da inquisição, que, em nome da moral da Igreja, canonizou Domingos de Gusmano por ter exterminado cruelmente os pobres albigenses só porque não pertenciam á sua fé; hoje é Pio X que, se não prega, como os seus santos successores, a guerra santa (porque os tempos são outros e nada propicio á tão heilindas aventuras) manda, no entanto, desinfectar as igrejas de Roma simplesmente por se ter ali effectuado um congresso de livres-pensadores!

Ora é a esta canalha, a estes miseraveis Caligulas, a quem os destituídos e medidores *moralistas* da Igreja Romana chamam o tal Super-homem e que, para maior ridiculo, acreditam no eterno e immutavel.

Eterno e immutavel! Bem diz Max Nordau nas suas *Mentiras Conventuais*: Só uma estridente gargalhada de Rabelais ou um novo tinteiro arremessado com alicia por Lutherbo, poderiam destruir semelhante absurdo.

Mas, perguntamos agora, eterno e immutavel em que? Estando não salta aos olhos de todos que o Deus da Igreja é um Deus ambulante e transitorio?

Basta, miseraveis! basta de farca! E em vão tentarão fazer-nos acreditar no seu exagerado amor pela humanidade soffredora. Temos horror pelas coisas inviziveis e incertas. São patacanhas de tal fôrma absurdas e estultas que já não encontram fôco no nosso espirito. Deem-nos, antes, um Deus realmente justo e bom, mas palpavel e claro, e não um Deus mysterioso, que ninguem conhece e que jámais se viu nem ouviu, como disse Edgard Montell.

Um Deus assim, estranho, indecifrável e ficticio, interesseiramente inventado pelo homem para explorar o homem, odiarmo-lo, detestarmo-lo, abominarmo-lo, como tambem odiámos, detestámos e abominámos todos os deuses e todas as religioes, porque tudo significa farsa.

Exigimos a Razão pela razão, a Justiça pela Justiça, a Verdade pela Verdade. Somos, neste ponto especialmente, como um philosopho catholico — o grande Pascal: «Se queremos que eu submitta a minha razão, então é necessario que me deem razões».

Acceptam, acaes, o repbo?

Como vêem, não somos muito exigente; apenas exigimos a verdade completamente despidida de

preconceitos falsos e idiotas. Exigimos a realidade e não a hypothese, isto é — exigimos um Deus que raciocine, que pense e que julgue como nós outros e, portanto, um Deus real, e não um Deus imaginario, nascido do nada, como esse que orthodoxamente apostolizam e adrogam. Exigimos, pois, um Deus que soffra como nós soffremos, que compartilhe dos mesmos gozos e desgostos e, enfim, que coma do mesmo pão — embora amassado pelo diabo.

Do contrario, todos os seus esforços serão improbos e inutilis. Foi tempo em que nos acordávamos quando nos ameaçavam com aquelle papão que quasi sempre estava atrás da porta, e ingenuamente nos prostravamos diante dum carunchoso pau de bater bifeis...

Hoje não. Hoje somos como Diderot — não aceitamos «nem rei nem Deus».

Já não reaceamos o papão como out'ora — porque reconhecemos, fazimamente, que esse papão é a Igreja, ou por outra — o papa. Tambem não reaceamos Deus — porque ignoramos absolutamente o que significava o termo Deus.

Esses Deus que a Igreja nos impõe são ameaças de *cris ou morte*! odiarmo-lo. E odiarmo-lo porque? Porque é um Deus em tudo e por tudo des-humano e assassino, de instintos ferinos e selvagens, como os deuses do artigo anterior. Sim, odiarmo-lo porque não é só um leão desvarado, um Helio-gabal secular e indomável: é um perfeito antropophago.

Mas se assim não é, como quer a Igreja, respondam-nos, então, os seus mystificadores...

Que pôde ter de bom esse Deus que mata para viver na voluptuosidade, que rouba para engordar como os suínos alentados e que des-humaneamente procura a todo transu fazer da pobre humanidade um monturo de ruínas ou um mistro e réis capacho, accessivel a todos os caprichos e a todos os odios desses que parvamente se julgam senhores do céu e da terra?

Que pôde ter de bom esse Deus que prega a guerra santa de exterminio, que incita os seus servos ao morticínio, que impõe o martyrio, que institue a inquisição, que para mais contraste, protege os relapsos e os bandidos da mais boira e degradante estirpe, ao ponto de canoniza-los?

E que pôde ter, tambem, de superior esse Deus que se deixa diariamente intamar e ultrajar pelos *maldivas* (assim nos chamam ha pouco Pio X) poltreiros, livres que o odiam tanto ou mais ainda do que a um animal hydropico?

Sim, *qu'est que ce Dieu, qui he Dieu vos apaises Dieu*, como disse Diderot?

Ah! Eu sei, em sei! Não é um Deus superior a todos os homens e a todos os sentimentos humanos, como systematicamente o prega a Igreja. Não. Nem tão pouco é um Deus moralista. Mas é todavia um *humanitarista* como Nero, um *pacifista* como Loyola, um *senatista* como Torquemada, um *justo* como Innocencio III, um *moralista* como João XIII, um *piedoso* como S. Domingos de Gusman, um *tolerante* como Paulo V, um *desulo* como Giovanni Gioli, um *homem* como Milittias de Caligula e, finalmente, um *sentimentalista* como Helio-gabal!

Eis ahí, pois, o Deus da Igreja com todo o seu illimitadissimo humanitarismo! Não o podiam inventar melhor ou superior. Tem todos os predicados. Nada lhe falta. E pena não estar no Jardim Zoologico. Se lá estivesse, com franqueza, pagaríamos para o ver, mas de chiste nas uñas — por causa das duvidas...

Rio, 4-13-1910.

J. FERNANDES TAVARES.

Estamos fazendo uma larga distribuição da LANTERNA, enviando-a a todas as pessoas que julgamos estarem de accordo com o seu programma.

Consideraremos, portanto, como nossos assignantes todos aquellos que não devolverem o primeiro numero recebido.

GRANDE COMICIO

Commemoração do 1.º anniversario do assassinato do Grande Educador

Ninguém esqueceu, nem esquecerá nunca o sombrio e lutozo 13 de Outubro de 1909, dia em que, victima de um assassinato friamente premeditado, urdido nas trevas, mas revestido dos requisitos de um processo legal, Francisco Ferrer tombou, ensanguentado, nos fossos sinistramente celebres do castello excreando de Montjuich.

De ha muito o clericalismo hespanhol e o governo, de parceria, vinham estreitando o circulo de odio e de exterminio que envolvia a Ferrer e á sua immorredoura obra, a Escola Moderna, cujos ensinosa calcados nos preceitos elevados da sciencia e da razão eram aptos a formar gerações conscientes que iriam, no futuro, ameaçar de morte ás instituições retrogradadas, incompatíveis com o adiantamento do povo.

Os dias sangrentos de Barcelona offereceram o almejado pretexto para vibrar o golpe aniquilador á Escola Moderna e a seu fundador, e o governo e o jesuitismo, vinculados pelo mesmo sentimento de odio, pelo mesmo desejo de esmagar o pensamento, não hesitaram em immolar ao seu furor insano, a victima innocente.

Porque, para justificar o sacrificio de Ferrer, allegavam os interessados em sua morte que elle se envolvera nos levantes de Barcelona.

Era uma infamia!...

Aquella revolta, aliás justissima, não fôra feita por Francisco Ferrer nem elle participara de seus combates.

E a prova de sua innocencia, que hoje, nem os seus inimigos ousam negar, resaltou, brillantissima, nos protestos unanimes da Terra inteira, crystallizou-se na consciencia de todos os homens emancipados, e affirmou-se soberanamente com a immediata queda do chagal Maura e com a mudança de politica do rei Affonso XIII que, para se manter no throno oscillante teve de apoiar a Canalegas e permittir que este iniciasse o saneamento mental e moral da Hespanha com a expulsão dos parasitas odiosos que medram nos conventos e nas sacristias.

O clero, cujas tramas e ardis são hoje de sobra conhecidos, pretende por todos os meios readquirir a ascendencia perdida, renovar os autos de fé, restabelecer o santo officio, dominar as consciencias, encher de trevas os cerebros de seus discipulos e locupletar-se de riquezas á custa do suor e da ignorancia dos fanaticos. Seu predomínio é uma constante ameaça á prosperidade de um povo e um entrave á marcha do progresso.

E aqui, no Brazil, elle tende a se desenvolver, a se implantar graças á indifferença dos elementos liberaes que em sua grande parte, vêm, insensíveis, avolumar-se a onda clerical, e estender-se pelo paiz como um enorme bando de acridios famelicos e destruidores.

Já o clero ostenta, vaidosamente, a sua força. Já lhe parece sorrir a victoria que lhe assegurará o dominio completo do povo e em passeatas carnavalescas faz exhibição provocante de suas forças.

E' tempo de reagir. O 13 de Outubro deve marcar o inicio de uma campanha tenaz, constante, systematica contra os inexhoraveis oppressores dos povos, os inimigos da luz e da razão, os arautos do erro e do embuste, a guarda avançada da tyrannia e do despotismo.

A morte do Francisco Ferrer que, em Montjuich, foi varado pelas balas que o odio jesuita forjou em seu antro tenebroso, clama vingança.

Todos os que pensam livremente, todos os que desejam se libertar do jugo do dogma, todos os que propugnam a liberdade e desejam ver vencido, impotente e examine o monstro clerical, são convidados para o

GRANDE COMICIO

que usando do mesmo direito gosado pelos clericaes, será realizado no dia

13 do corrente, ás 7 horas da noite

• NO LARGO DA SE'

Nesse comicio, em que tomarão parte as associações liberaes de S. Paulo, lojas maconicas, centros republicanos de varias colonias e sociedades de educação, e varios oradores conhecidos usarão da palavra, para mais uma vez, profligar o clericalismo feroz, formando-se em seguida um prestito que percorrerá as ruas centraes.

Ninguém deve faltar nesse dia, pois que é necessario demonstrar aos inimigos de Ferrer, aos que o sacrificaram, que a sua obra permanece, progride, e hoje os homens livres, nos centros cultos, formam a maioria, preponderam sobre as turbas de fanaticos irresponsaveis e inconscientes que o veneno do mysticismo inutilizou, embotando-lhes a intelligencia.

Uma vez que o clero, num desafio tolo, passa revista ás suas forças é necessario desilludi-lo, fazendo-lhe ver que ainda ha em S. Paulo milhares de pessoas que vibrando de entusiasmo, promptas a arrotar todos os sacrificios, batalham corajosamente contra uma casta que tem escripto, com letras de sangue, paginas dolorosas na historia da humanidade.

As associações e grupos dos suburbios e arrabaldes devem reunir-se num mesmo ponto e incorporados, acompanhados de musica, estacionarem no Largo da Sé, ás 7 horas da noite.

Deverão trazer seus estandartes e disticos bem expressivos em letras grandes, procurando distribuir com antecedencia boletins convidando o povo a tomar parte na manifestação.

O prestito descerá a rua 15 de Novembro, passará pelo Largo do Rosario, Rua São Bento, rua Florencio de Abreu e irá até ao jardim da Luz afim de depôr, no pedestal do busto de Garibaldi algumas corôas de flores dedicadas aos livres pensadores Libero Badaró, dr. Bettoldi, ao poeta brasileiro Antonio José da Silva, o Judeu, queimado em Portugal pela Inquisição em 18 de Outubro de 1739 e a Francisco Ferrer e seus companheiros de martyrio.

Libero Badaró e dr. Bettoldi foram, em S. Paulo, dos que primeiro combateram o jesuitismo. Eram paladinos da liberdade e por muito tempo fizeram esquecidos.

Que ninguém falte no dia 13 de Outubro ás 7 horas da noite, no Largo da Sé.

E' urgente começar a campanha contra os sugadores da humanidade, que a embrutecem e a exploram.

Abaixo o clericalismo nefando!

Viva a memoria de Francisco Ferrer!!

Viva a Escola Moderna!

S. Paulo, 9 Outubro 1910.

Comitê pró ESCOLA MODERNA

Todos ao comicio!

Todos ao comicio!